

País retoma o crescimento e não terá problemas no exterior

Os grandes empresários brasileiros estão encarando com relativo otimismo as perspectivas econômicas para o próximo ano: acham que a inflação deve cair para 70 ou 80 por cento, acreditam numa retomada do crescimento, não vêem problemas para o Brasil captar no exterior os recursos que precisa para fechar seu balanço de pagamentos e não têm dúvidas de que a balança comercial do País será superavitária.

Apenas quanto às taxas de juros e ao processo de demissões que marcou a economia este ano há discordância. Entre os quatro empresários ouvidos pelo GLOBO, um acha que os juros permanecerão elevados e que só haverá queda nas taxas se houver continuidade na redução do nível inflacionário e dos juros no exterior. E outro acredita que novas demissões devem ocorrer no ano que vem, embora sem atingir os mesmos níveis de 1981.

Responderam ao questionário do GLOBO os empresários Jorge Gerdau, presidente do grupo Gerdau; Mário Garnero, presidente do conselho de administração da Standard Elétrica e presidente do Brasilinvest; Leonídio Ribeiro Filho, presidente da Sul América; e Paulo José Possas, vice-presidente executivo da corporação Bonfiglioli.

INFLAÇÃO

— Qual sua estimativa para a inflação em 1982?

JORGE GERDAU — Nossas estimativas são de que a inflação atinja cerca de 75 a 80 por cento.

MARIO GARNERO — Estamos prevendo uma inflação entre 70 e 80 por cento.

LEONÍDIO RIBEIRO — Nossa estimativa é de uma inflação ao redor de 80 por cento.

PAULO JOSÉ POSSAS — Entre 70 e 80 por cento.

— Com base nesta previsão, como estão sendo planejados os negócios da empresa para o próximo ano?

JORGE GERDAU — A taxa inflacionária é apenas uma dentre dezenas de variáveis que utilizamos em nossos esquemas de planejamento de negócios. Desta forma, estamos trabalhando com a referida taxa na extensão de sua influência sobre a conjuntura prevista para nossa atividade empresarial no próximo ano.

MARIO GARNERO — A empresa conviverá com a realidade de que 1982 deverá ser melhor do que 1981 e, portanto, manterá seu programa de austeridade, conservando o nível de emprego e continuará seus esforços visando um melhor desempenho, conquistando novas fatias do mercado e reduzindo seu grau de endividamento.

LEONÍDIO RIBEIRO — O ano de 1981 caracterizou-se por uma extrema cautela por parte da área empresarial, consciente de que a acertada política de desaquecimento do Governo exigia este posicionamento. Para o ano de 1982, acredito que haverá uma pequena retomada no desenvolvimento dos negócios em geral e, consequentemente, a área empresarial deverá ficar mais ativa.

PAULO JOSÉ POSSAS — O planejamento, de um modo geral, está sendo feito levando em consideração a perspectiva de uma expansão moderada dos negócios e em função de uma forte expansão de custos, atendendo ao processo de inflação decrescente.



LEONÍDIO RIBEIRO



MARIO GARNERO



JORGE GERDAU

CRESCIMENTO

— Qual o crescimento estimado para o setor de sua empresa?

JORGE GERDAU — Estimamos que a siderurgia nacional venha a crescer a uma taxa que varia de cinco a sete por cento, considerando-se um crescimento do Produto Interno em torno de quatro a seis por cento.

MARIO GARNERO — O crescimento do setor de telecomunicações deverá acompanhar a taxa de expansão da economia, para a qual estimamos um avanço da ordem de cinco por cento.

LEONÍDIO RIBEIRO — Nossa estimativa para o crescimento do mercado segurador brasileiro situa-se entre 70 e 80 por cento (em termos nominais).

PAULO JOSÉ POSSAS — No setor financeiro, o crescimento real será zero. No de alimentos, de cinco por cento. Na construção civil, também cinco por cento. No setor de comércio exterior, o crescimento nominal será da ordem de 20 por cento, calculando-se uma inflação externa de 12 por cento.

— Quais as perspectivas de aumentar a participação da sua empresa no mercado?

JORGE GERDAU — O grupo Gerdau prosseguiu no desenvolvimento dos planos de expansão de algumas de suas usinas, evidentemente com os ajustes necessários face às dificuldades conjunturais que caracterizaram o ano de 1981. Assim, teremos em 1982 condições de atender a um eventual crescimento da demanda em nível mais elevado que o previsto para o setor.

MARIO GARNERO — Há perspectivas, especialmente no setor privado, através de uma política mais agressiva de marketing e introdução de novos produtos.

LEONÍDIO RIBEIRO — Apesar de não termos ainda encerrado o exercício de 1981, acredito que a Sul América terá aumentado ligeiramente sua participação no mercado segurador. Para o exercício de 1982, estimo que possamos aumentar um pouco mais esta participação.

PAULO JOSÉ POSSAS — Há perspectivas de aumento de participação em todos os setores da corporação.

— As perspectivas de crescimento são maiores para o mercado interno ou externo, no setor de atuação de sua empresa?

JORGE GERDAU — Os esforços que foram feitos em 1981, com vistas a incrementar as exportações brasileiras de produtos siderúrgicos, certamente servirão de apoio para a manutenção das vendas ao mercado externo em níveis satisfatórios para a economia nacional, na dependência da política oficial de apoio a este setor.

MARIO GARNERO — As perspectivas de crescimento da empresa são maiores no mercado interno, tendo em vista os programas governamentais para o setor. Esta prioridade, todavia, não é absoluta e acompanharemos com atenção as oportunidades do mercado internacional.

LEONÍDIO RIBEIRO — A Sul América tem sucursais em diversos países da América do Sul e Europa e estima que seu crescimento no próximo exercício

no Brasil deverá ser superior ao de suas sucursais no estrangeiro.

PAULO JOSÉ POSSAS — São iguais no mercado interno e externo.

JUROS

— O senhor acredita numa redução das taxas de juros internos?

JORGE GERDAU — Certamente, seria uma situação desejável. Porém, a elevada necessidade de canalização de recursos externos para suportar os investimentos no País e o pagamento da dívida no exterior, talvez induzam o Governo a manter a atual política, que faz com que as taxas de juros do País permaneçam em nível mais elevado. A queda poderá ocorrer pela continuidade na redução do nível inflacionário e dos juros no exterior.

MARIO GARNERO — Deve ocorrer uma redução, em função do declínio dos juros internacionais e da aplicação de uma política monetária mais flexível pelo Governo.

LEONÍDIO RIBEIRO — Acredito que, a exemplo do que já está ocorrendo com os juros externos, também o Brasil experimentará uma redução na taxa de seus juros no próximo exercício.

PAULO JOSÉ POSSAS — Sim, acredito que os juros atingirão um patamar de cem a 110 por cento.

DEMISSÕES

— O senhor acha que o processo de demissões que ocorreu este ano pode se repetir em 1982?

JORGE GERDAU — Confiamos que não, pois o esperado crescimento da economia não só estancará o processo de demissões, como deverá provocar o reaproveitamento parcial do pessoal dispensado ao longo de 1981.

MARIO GARNERO — Não houve demissões na Standard em 1981. Ao contrário, o quadro de pessoal sofreu um aumento de cem trabalhadores. A nossa expectativa é de manutenção do atual panorama.

LEONÍDIO RIBEIRO — O ano de 1982 será, certamente, menos duro que o de 1981. Como consequência, a economia deverá ser levemente aquecida, não sendo portanto previsível qualquer anormalidade na área de empregos.

PAULO JOSÉ POSSAS — Vão ocorrer novas demissões, porque ainda inúmeras indústrias estão ajustando seu quadro para uma atividade menor. Mas essas demissões não deverão atingir os mesmos níveis de 1981.

ELEIÇÕES

— Considerando que no próximo ano teremos eleições, o senhor acredita que o Governo promova alguma modificação na política econômica, reaquecendo algum setor? Qual setor? O senhor concorda com isto?

JORGE GERDAU — É visível nas manifestações oficiais mais recentes a intenção de reaquecer alguns setores da economia, principalmente os de mão-de-obra intensiva. Percebe-se, no entanto, o cuidado com que se estuda esta questão pelos seus evidentes reflexos

sobre a política de controle inflacionário. De minha parte, só tenho a concordar com a reativação cuidadosa da economia, uma vez que se reconhece termos espaço para crescer.

MARIO GARNERO — Eu não vincularia possíveis modificações na política econômica à realização do pleito eleitoral. Creio que 1982 será um ano em que a economia sofrerá novos ajustamentos, em função do próprio desempenho do corrente ano e da necessidade de reativação de alguns setores, afetados que foram pela política de combate à inflação.

LEONÍDIO RIBEIRO — Não acredito que o Governo promova alterações substanciais na sua política econômica pelo fato de termos eleições no ano de 1982. Acredito que o reaquecimento da economia no próximo exercício será de corrente da própria conjuntura do País.

PAULO JOSÉ POSSAS — Sim, haverá reaquecimento, principalmente na construção civil.

CONTAS EXTERNAS

— O País precisará captar US\$ 18 bilhões no próximo ano para fechar o balanço de pagamentos, segundo estimativa oficial. O senhor vê possibilidade de captação deste montante?

JORGE GERDAU — Não há dúvidas sobre este fato, pois a comunidade financeira internacional tem manifestado com muita clareza sua confiança na estratégia econômico-financeira adotada pelo Brasil.

MARIO GARNERO — Tudo leva a crer que sim, tendo em vista os resultados positivos alcançados pelo Governo no combate à inflação e o superávit de US\$ 988 milhões conseguido na balança comercial até novembro, aumentando, assim, a confiança dos banqueiros internacionais na administração da economia brasileira.

LEONÍDIO RIBEIRO — Não creio que o Governo vá encontrar maiores obstáculos para atingir esse objetivo no próximo exercício.

PAULO JOSÉ POSSAS — É perfeitamente possível, principalmente porque o spread que o Brasil paga é muito alto.

— Qual a sua estimativa para a balança comercial?

JORGE GERDAU — A ocorrência de superávit este ano deveu-se à contenção das importações e ao êxito na política de exportações. Mantida a atual política econômica, em suas grandes linhas, pode-se prever uma situação de equilíbrio, com tendência a superávit na balança comercial.

MARIO GARNERO — Desde que não ocorra uma mudança radical no comportamento das economias dos países industrializados, deverá haver superávit da ordem de US\$ 2,7 bilhões.

LEONÍDIO RIBEIRO — Estimo que nossa balança comercial poderá apresentar um superávit de cerca de US\$ 2 bilhões.

PAULO JOSÉ POSSAS — A balança comercial fechará com um superávit de US\$ 3 bilhões.